BF | BLOG DA FEIRA

André Pomponet
SÁBADO, 16 DE MAIO DE 2020 / PUBLICADO EM COLUNISTAS, HOME

Recordações infantis do sábado à noite

Escrevo, atipicamente, na noite de sábado. Normalmente, os sábados são dedicados à vida social, aos encontros, àquela cota de prazer e liberdade que se encaixa tão bem no atribulado dia-a-dia. A pandemia, porém, subverteu a rotina. Mais: subverteu a própria vida. Pelo menos por enquanto. E, na noite de sábado, deparo-me com o som do teclado que me embala e com a tela luminosa do computador.

Lá fora quase tudo é silêncio. Às vezes, surgem vozes na rua e os pneus dos automóveis

deslizam com aquele ruído característico sobre o calçamento. As luzes alaranjadas da iluminação pública são tristes, melancólicas. O reflexo delas sobre o calçamento também é triste, melancólico. Paira um silêncio denso sobre o casario que se estende em direção ao centro da cidade. E lá no centro da cidade há escuridão e mistério.

Os painéis a neon da avenida Maria Quitéria invocam, aflitos, uma alegria fugaz. Só que o céu de poucas estrelas dissipa este sentimento efêmero. Nem a lembrança da manhã de domingo – a expectativa é de uma bela manhã ensolarada de outono – conforta.

Não sei por quê, mas nesses tempos de pandemia teimei em recordar a infância. Nela, as noites de sábado ocupavam um lugar especial. Eram agitadas essas noites no largo da feirinha do Sobradinho. Morei lá perto.

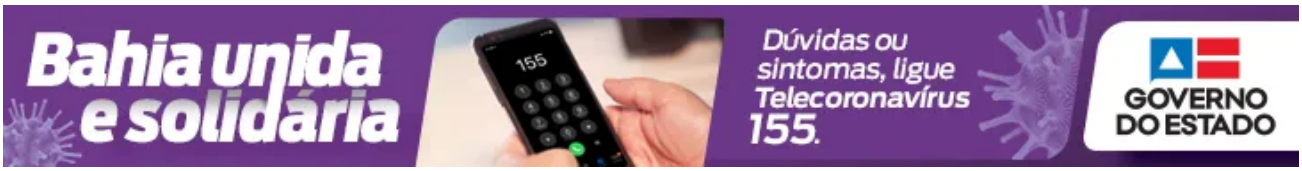
À distância, viam-se os vultos das barracas montadas, as sombras dos feirantes deslizando, silenciosas, nos preparativos para a manhã de domingo. No bar da esquina, canções populares numa antiga radiola. Às vezes, bêbados cantavam, felizes. Outras vezes havia altercações, algazarra, impropérios.

Lembro de uma antiga canção cuja letra dizia: “eu vou pra Belém do Pará”. Alguém sempre cantava, insistente e desafinado. Seria algum paraense saudoso de sua cidade longínqua? Ou algum baiano que se aventurou por lá e trouxe saudades? Esta dúvida

nunca se desfez. Muito tempo depois conheci a chamada capital da Amazônia. E, lá, lembrei do cantor noturno nas sombras da feirinha.

Ouço agora, lá fora, o inesperado trote de cavalos. Castigam, com suas ferraduras, os paralelepípedos azulados. Animam a noite de sábado. E outras lembranças infantis vêm à mente, imperiosas. Acredito que, em tempos de incerteza, a mente vai buscar, caprichosa, o conforto e a segurança dos tempos de criança.

Talvez seja um exercício salutar. Acredito que sim. Mas, na pior das hipóteses, dispersa o horror do noticiário sobre mortos e contaminados, sobre a falta de rumo do Brasil que, noutros tempos, era exaltado como o País do futuro.



Sobre | Últimos Posts

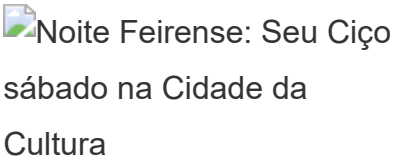
Últimos posts por André Pomponet (exibir todos)

Pandemia não freia ânsia junina, mas comércio permanece fechado - 07/06/2020
Tentando analisar os números do Covid-19 em Feira - 05/06/2020
O canto da casaca-de-couro - 04/06/2020

Compartilhar:

WhatsApp | Facebook | Twitter | Telegram | LinkedIn

Relacionado



Noite Feirense: Seu Ciço sábado na Cidade da Cultura
01/03/2016

Ronaldo agradece e diz que "compromisso é trabalho dia e noite, noite e dia"
02/10/2016

A celebração da estranha véspera de São João
24/05/2020

BF | BLOGDA.feira.br

Doar

Blog da Feira: Jornal de Notícias de Feira de Santana

© 2020 Janio Costa Rego Comunicações - Todos os direitos reservados